

Construções ditransitivas e estrutura informacional em Português Europeu: quando o OD é um constituinte pesado¹

Ana Maria Brito²

ambarrosbrito@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

ABSTRACT.

The text analyses the relation between argument structure and information structure with “core dative verbs” in European Portuguese (EP), specifically in the constructions with heavy direct objects (DO). Developing some previous analysis, I will argue in favour of the proposal that EP has a basic construction of ditransitives where the DO is projected as complement of a low verbal category and the IO is projected in the specifier position of that verbal category. When the DP DO raises to a higher position because of Case reasons, the order V DO IO is obtained. With a heavy and focalized DO the order is V IO OD and that can be explained if the DP DO leaves a spelled-out copy. This approach makes discursive functional categories such that topic and focus in the left periphery of the Verbal Phrase unnecessary and reinforces the view that in languages like European Portuguese information structure relates, in a very strong way, Syntax and Phonology and Syntax and Prosody.

KEYWORDS.

Ditransitive verbs; information focus; informational structure; argument structure; heavy DO; pronounced low copy.

RESUMO.

O texto analisa a relação entre a estrutura argumental e a estrutura informacional com “core dative verbs” em Português Europeu (PE), especificamente com Objetos Diretos (OD) pesados. Desenvolvendo algumas propostas anteriores, defenderei que o Português Europeu tem uma construção básica em que o OD é projetado como complemento de uma categoria verbal baixa e o OI é projetado em especificador dessa categoria verbal. Como o DP OD sobe para uma posição mais alta por razões de caso, gera-se normalmente uma ordem não marcada V OD OI. Com um OD pesado a ordem é a contrária, V OI OD, e isso pode ser explicado se

¹ Ofereço este texto, naturalmente, à Fátima Oliveira, amiga e colega de há 50 anos.

Este texto parte de uma comunicação apresentada no *1st International Workshop on the Interface of Information Structure and Argument Structure*, ocorrido em Sevilha, a 26 e 27 de outubro de 2017, e que, por várias razões, não foi publicada.

² Agradeço à Joana Teixeira a leitura de uma versão preliminar deste texto e os comentários e sugestões que permitiram melhorar essa primeira versão. Todos os erros são da minha responsabilidade.

o OD DP em causa deixar uma cópia baixa que é soletrada. Esta proposta torna desnecessária a ideia de categorias funcionais como Tópico e Foco na periferia esquerda do VP e reforça a conceção de que em línguas como o Português Europeu a estrutura informacional relaciona, de maneira forte, Sintaxe e Fonologia, Sintaxe e Prosódia.

PALAVRAS-CHAVE.

Verbos ditransitivos, estrutura informacional, estrutura argumental, DP pesado, cópia soletrada.

1. Introdução

As línguas românicas, e o Português em particular, têm uma grande tendência para a ordem V DP PP³ com várias classes de verbos, permitindo, no entanto, a reordenação dos complementos, com consequências para a estrutura informacional.⁴

Vejamos alguns exemplos com verbos de localização como *pôr*.

Como resposta a (1A), espera-se uma resposta em que toda a informação é nova, portanto, com foco informacional largo, como em (1B):

(1) A: O que aconteceu? B: A Maria pôs os livros no sótão.

O mesmo tipo de resposta (1B) pode ser obtida como resposta a uma pergunta com foco informacional estreito no PP, isto é, como resposta a uma interrogativa com o advérbio interrogativo *onde*:⁵

(2) A: Onde é que a Maria pôs os livros? B: A Maria pôs os livros no sótão.

Com foco sobre o OD, como numa resposta a (3A):

3 Usarei as seguintes siglas em Inglês para as categorias sintáticas: IP para Sintagma Flexionado, TP para Sintagma Tempo, VP para Sintagma Verbal, DP para Sintagma Determinante, PP para Sintagma Preposicional, KP para Sintagma Caso.

4 Ver Belletti & Shlonsky (1995) para o Italiano.

5 Sobre foco largo / foco estreito ver, entre outros, Martins & Costa (2016).

(3) A: O que é que a Maria pôs no sótão? B: A Maria pôs no sótão os livros.

a ordem V PP DP é possível, como em (3B), confirmando mais uma vez que o Português segue a regra geral das línguas românicas de colocar o foco informacional na posição mais baixa e mais encaixada (Cinque 1993, entre outros).

Com foco contrastivo⁶, outras ordens de palavras são possíveis, como em (4B, 4C) com uma interpretação que pode ser descrita por uma construção clivada, com foco sobre o argumento Oblíquo, o locativo, e marcado com ênfase ou destaque prosódico:

(4) A: Foi na garagem que a Maria pôs os livros e as revistas, não foi?
B: Não, a Maria pôs os livros NO SÓTÃO (e não na garagem).⁷
C: Não, a Maria pôs NO SOTÃO os livros (e não na garagem).
(=foi no sótão que a Maria pôs os livros, não na garagem).

Estes dados, embora reduzidos, mostram que, com verbos com três argumentos, como os verbos de localização, o padrão funcional V OD OBL (do ponto de vista categorial V DP PP), como em (1B, 2B), corresponde ao padrão não marcado e que a possível reordenação dos dois argumentos internos (V OBL OD, do ponto de vista categorial V PP DP) se deve a uma estrutura informacional distinta, permitindo uma leitura de foco informacional estreito (ver (3B)) ou uma leitura de foco contrastivo, marcado por uma ênfase especial (como em (4C)).

Os verbos ditransitivos, em particular os “core dative verbs”, designação de Rappaport-Hovav & Levin (2008) para verbos que significam uma “posse causada” (“caused possession verbs”) como *dar*, *oferecer*, *entregar*, *exibem*,

⁶ Sobre foco contrastivo escrevem Martins & Costa (2016: 384): “os focos contrastivos introduzem um valor de oposição relativamente a uma asserção, pressuposição ou expectativa, explícita ou implicitamente presentes no domínio discursivo. A propriedade central de um foco contrastivo é a de adicionar ao valor denotativo básico da frase a expressão da atitude (discordante) do falante relativamente ao que sabe ou supõe serem as expectativas ou convicções do ouvinte.”

Samek-Lodovici (2015, cap. 1), para o Italiano, argumenta a favor de três tipos de foco contrastivo: (i) foco corretivo, em que a focalização se destina a corrigir uma proposição previamente mencionada; (ii) foco exaustivo, em que o foco identifica o referente num conjunto de alternativas evocadas para as quais a proposição emitida se verifica; (iii) foco paralelo, em que o foco assinala uma componente contrastiva num conjunto paralelo de expressões que partilham um conjunto idêntico de alternativas.

⁷ Com letras maiúsculas assinalarei a ênfase / destaque (‘stress’) sobre um constituinte.

desde logo, uma diferença importante em relação a outros verbos de três argumentos: a expressão do argumento recipiente é feita ou através de um pronome dativo clítico (*me, te, lhe, nos, vos, lhes*) ou através de uma preposição especial, mais uma marca de dativo do que uma verdadeira preposição (*a*) (Gonçalves 1990, Duarte 2003, Brito 2010, 2015). É deste tipo de verbo e da construção preposicional de que nos ocuparemos neste artigo.

No que diz respeito à estrutura informacional, a situação é semelhante a outros verbos de três argumentos.

De facto, (5B), com a ordem V OD OI, é uma resposta adequada (embora redundante)⁸ a uma pergunta Q como em (5A), sendo o OI o foco informacional (Costa 1998, Costa 2009: 95-6, Costa & Figueiredo Silva 2006, entre outros):

(5) A: A quem é que a Maria deu um livro? B: A Maria deu um livro ao João.

Com o foco sobre o OD, a posição final da frase resposta será normalmente ocupada precisamente pelo OD, como em (6B):

(6) A: O que é que a Maria deu ao João? B: A Maria deu ao João um CD.

Se houver um foco contrastivo sobre o OD, para além da posição final, o OD poderá ocupar outras posições na frase, sempre marcado prosodicamente:

(7) A: Deste um livro ou um CD ao João? B: Dei UM CD ao João (e não um livro).

(8) A: Vão dar um jogo ao João e um peluche à Maria?

B: Sim, vamos dar UM JOGO ao João e UM PELUCHE à Maria.

(= é um jogo que vamos dar ao João, é um peluche que vamos dar à Maria).

⁸ Em todo o artigo apenas trataremos de respostas redundantes, com a forma de frase. Na realidade, a resposta mais imediata é apenas constituída pelo valor da variável da interrogativa, um DP ou um PP, conforme o caso.

Do mesmo modo, com foco contrastivo sobre o OI, não só a posição final como outras posições serão possíveis, em condições contextuais favoráveis:

- (9) A: A Maria deu um livro ao Luís e um CD à Joana, não foi?
B: Não, a Maria deu um livro AO JOÃO (e não ao Luís) e um CD À LUÍSA (e não à Joana).
- (10) A: A Maria deu o livro à Luísa, não foi?
B: Não, a Maria deu AO JOÃO o livro (e não À LUÍSA).
(= foi ao João que a Maria deu um livro; não à Luísa)

Podemos concluir então que a ordem não marcada para as construções ditransitivas em PE é V DO IO, com foco informacional sobre o OI; com foco informacional sobre o OD a ordem é, em geral, V IO DO (Costa 2009).⁹

Em relação a foco contrastivo, afetando quer o OD quer o OI, tal constituinte pode ou não ocupar a posição final, mas é sempre marcado com proeminência prosódica (ver Martins 2012, Martins & Costa 2016).

Como em muitas línguas, os constituintes pesados em PE têm tendência a ocupar a posição final. Usarei aqui uma noção sintática de constituinte pesado, quer dizer, um constituinte com uma estrutura interna complexa, uma oração (completiva ou relativa livre), DPs coordenados ou um DP com complementos e modificadores.

Veja-se em primeiro lugar o que acontece com *pôr* quando o OD, formado por um DP com modificadores ou com uma coordenação de DPs, é um constituinte pesado: (11a), com a ordem V OBL OD, é mais aceitável do que (11b), com a ordem V OD OBL:

- (11) (a) A Maria pôs no sótão [os livros e as revistas que herdou da avó].
(b) ? A Maria pôs [os livros e as revistas que herdou da avó] no sótão.¹⁰

⁹ Em relação à ordem de palavras em respostas a frases com verbos ditransitivos, o PB é similar ao PE. A grande diferença consiste no uso da preposição *para* (*pra*) para exprimir o OI, razão pela qual alguns autores advogam que o PB está a perder o caso dativo e que esta variante dispõe verdadeiramente de uma construção ditransitiva preposicional (Costa & Figueiredo Silva 2006, Torres Morais & Salles 2010). Vejam-se os exemplos: (i)(a) O que o João deu pra Maria?(b) O João deu pra Maria um CD.(ii)(a) Pra quem o João deu o CD?(b) O João deu o CD pra Maria.

¹⁰ De acordo com certos falantes por mim consultados (11b) é uma frase mais aceitável do que as

Com verbos ditransitivos e dependendo da natureza lexical do verbo, o OD pesado pode ser uma oração ou um DP nas condições acima referidas, ocupando preferencialmente o OD a posição final, como em (12a) e (13a), com a ordem V IO OD.

- (12) (a) O João disse à Maria [que vai sair logo à noite].
(b) ? O João disse [que vai sair logo à noite] à Maria.
- (13) (a) O João deu à Maria [o dinheiro que herdou da avó em testamento].
(b) ? O João deu [o dinheiro que herdou da avó em testamento] à Maria.

Quando temos uma pergunta com foco informacional sobre o OI e um OD (pesado), poderíamos esperar a ordem V DO IO, mas de novo a ordem V IO DO é a mais natural, como ilustrado em (14b) e em (15b), mostrando que a natureza pesada do OD é, de facto, um fator muito importante de ordem de palavras:

- (14) (a) A quem disse o João [que ia sair logo à noite]?
(b) O João disse à Maria [que ia sair logo à noite].
- (15) (a) A quem deu o João [o dinheiro que herdou da avó]?
(b) O João deu à Maria [o dinheiro que herdou da avó].

Alguns exemplos extraídos do *CetemPúblico* permitem confirmar esta tendência para o padrão V OI OD (exemplos já apresentados em Brito 2015):¹¹

correspondentes com verbos ditransitivos, mesmo com um OD pesado. A aceitabilidade destas construções parece assim relacionar-se com duas ordens de razões: (i) a natureza do OD (DP / CP) e (ii) a sintaxe das construções com complementos preposicionais versus a das construções ditransitivas. Em relação a (i): um CP surge preferencialmente em posição final, enquanto a posição de um DP pesado depende da sua estrutura interna. Em relação a (ii): embora não vá explorar esta questão, com verbos de três argumentos como *pôr*, *cortar*, etc. o segundo argumento interno é um PP ocupando uma posição de complemento de uma projeção verbal baixa, enquanto, como vamos ver nas partes 3 e 4 deste texto, os verbos ditransitivos projetam o seu OI na posição de especificador da projeção verbal baixa. Repare-se que para Duarte (2003: 287, 290) todo o OD pesado ocupa a posição final: a autora dá como exemplos de ordem V OI OD pesado frases com *dizer*, que seleciona CP, mas também com *comprar*, *contar*, que selecionam OI e OD_{DP}, e *levar*, *guardar*, que selecionam OBL e OD_{DP}.

¹¹ Coloco em negrito V + OI + OD.

- (16) *par=ext1344780-nd-91a-1*: “Para Setembro, deverá ter obtido sinais de reactivação que **dêem a Carlos Menem uma vitória nas eleições legislativas**, o que para muitos peronistas é uma missão impossível.”
- (17) *par=ext755655-clt-96b-3*: “Na sequência final, a suprema crueldade de Wilder **dava a Cecil B. de Mille a oportunidade de domar, pela última vez, a beleza da sua ave do paraíso enlouquecida.**”
- (18) *par=ext1395495-pol-94a-2*: “O monarca jordano insistiu para que Israel não cedesse aos palestinianos o controlo da ponte Allenby sobre o rio Jordão, o que **daria a Arafat a capacidade para controlar a migração de palestinianos - e de militantes islâmicos - de Jericó para a Jordânia.**”
- (19) *par=ext320712-pol-94a-1*: “Onde é que ia arranjar dinheiro para **dar a esses homens a comida, as roupas e o sabão de que necessitariam?**, perguntou indignado o general Niha, primeiro secretário da Frelimo na província de Nampula.”

Quando os dois constituintes são pesados, uma certa tendência para uma ordem V OI OD mantém-se, como ilustrado nos exemplos seguintes, igualmente extraídos do *CetemPúblico* (cf. Brito 2015: 114-15):

- (20) *par=ext711722-soc-91b-2*: “Como a versão tinta, mas «sem gralhas», como ironiza Augusto Deodato, a agenda apresenta uma selecção que visa **dar a quem resida ou venha a Lisboa a oportunidade de gerir melhor os interesses nesta cidade.**”
- (21) *par=ext856353-clt-96b-2*: “O objectivo é **dar a professores, alunos e outros funcionários a possibilidade de consultarem um árbitro** para resolverem os seus diferendos pessoais ou institucionais.”
- (22) *par=ext1405400-nd-94b-1*: “Muñoz Molina manifesta uma categórica afinidade com aqueles que **dão a Lisboa e a Portugal a forma e o conteúdo da nossa peculiar identidade.**”

Embora estes temas já tenham sido objeto de pesquisa na literatura,

algumas perguntas permanecem, relacionadas com a articulação entre estrutura sintática e estrutura informacional: a ordem V OD OI corresponde a uma ordem básica em Português? Se essa ordem é básica, qual o mecanismo responsável pela ordem V OI OD? Alternativamente, se a ordem básica for V OI OD, como se explica a ordem final V OD OI? E quando os constituintes são pesados, eles movem-se para a direita? Ou são basicamente gerados numa posição mais baixa e final? E como é que tudo isto se relaciona com princípios gerais da gramática e da estrutura informacional?

Neste artigo defenderei que a posição final e mais encaixada de um OD pesado em Português Europeu não só se relaciona com a natureza dos constituintes pesados, como resulta da estrutura dominante das construções ditransitivas com “core dative verbs”, como *dar* em Português Europeu. Especificamente proporei, desenvolvendo MacDonalD (2013) e Mikami (2012), que, quando o OD é um constituinte DP pesado e focalizado, é a cópia mais baixa que é soletrada.

De maneira a defender esta proposta, o artigo está organizado da seguinte maneira: em 2. a sintaxe das construções ditransitivas em Inglês será brevemente discutida; em 3. analisarei a estrutura sintática das construções ditransitivas em Português; em 4., desenvolverei uma hipótese sobre a posição dos constituintes pesados OD em construções ditransitivas; finalmente, em 5., as conclusões principais deste estudo serão apresentadas.

2. Construções ditransitivas em Inglês

As construções ditransitivas têm sido objeto de grande controvérsia nos estudos sintáticos, especialmente devido à existência da alternância dativa nalgumas línguas. O Inglês¹², por exemplo, tem alternância dativa, exibindo duas construções: a construção preposicional, como em (23a) e a Construção de Duplo Objeto (CDO), como em (23b):

12 Para outras línguas germânicas que têm a CDO ver Primus (1998) e Haspelmath (2015).

- (23) (a) Mary gave a book to John.
Maria deu um livro a João
'A Maria deu um livro ao João'
- (b) Mary gave John a book.
Maria deu João um livro
'A Maria deu um livro ao João.'

As duas frases são sinónimas, porque ambas denotam uma situação de transferência de posse de um livro da Maria para o João.

Na literatura, tem havido diferentes visões de como relacionar a construção preposicional (23a) e a CDO (23b). Há análises transformacionais, como a de Larson (1988, 2014), em que a CDO é sintaticamente derivada da construção preposicional, sendo as duas consideradas sinónimas.¹³

Nas últimas décadas, tem sido mostrado que a alternância dativa em Inglês obedece a várias condições, o que questiona um tratamento do tipo do de Larson e favorece a ideia de que nesta língua há duas construções basicamente geradas: 1 - há restrições morfológicas: os verbos que têm uma raiz anglo-saxónica, como *show*, admitem a alternância, mas os que têm uma raiz latina, como *exhibit*, só admitem a construção preposicional; 2 - há restrições semânticas: Rappaport-Hovav & Levin (2008) mostraram que os verbos que admitem a alternância em Inglês exprimem uma “caused possession” (*give*); os que têm uma componente de movimento (como *send*) são ambíguos entre um significado de posse causada e nesse caso admitem as duas construções e um movimento e localização causadas e, nesse caso, favorecem a construção preposicional; 3 – há autores que defendem que não há completa sinonímia entre as duas alternativas (Oehrle 1976, Rappaport-Hovav & Levin 2008, entre outros) e que há assimetrias de escopo e de ligação, razão pela qual os mesmos autores consideram que há duas estruturas sintáticas subjacentes distintas (para uma apresentação de diferentes análises, veja-se Ormazabal & Romero 2010, Harley & Miyagawa

13 Como é amplamente conhecido, Barss & Lasnik (1986) e Larson (1988) notaram que em Inglês há certas assimetrias de ligação e escopo de quantificadores que questionam não só uma estrutura tripartida do VP como uma estrutura em que o OI_{Recipiente} seja mais baixo do que o OD_{Tema}. Por isso, Larson propõe um tratamento derivacional para a CDO em Inglês, em que o OI_{Recipiente} é elevado de modo a c-comandar o OD_{Tema}, aceitando que a Teoria da Ligação, em particular o Princípio A, é um “anywhere principle” que se aplica em qualquer nível sintático.

2016).¹⁴

Como o Inglês tem alternância dativa, exibindo uma CDO e uma construção preposicional, há diferenças na estrutura informacional das duas construções.

Com efeito, e não havendo interferência de elementos prosódicos, na CDO o foco informacional é o DP_{Tema'} como em (24a); na construção preposicional o foco é o PP_{Recipiente'} como em (24b):

- (24) (a) Mary gave John [_{Foco} a book].
(b) Mary gave a book [_{Foco} to John].

Contudo, na construção preposicional, o tema pode também pertencer ao foco informacional, como em (25), sendo marcado por um acento, uma ênfase prosódica, não envolvendo forçosamente diferenças de ordem de palavras (os exemplos seguintes são dados por Jiménez Fernández (2009: 186), e coincidem, acreditamos, com juízos de falantes nativos do Inglês:

- (25) (a) What did John give to his mother?
O que aux João dar a sua mãe
'O que é que o João deu à (sua) mãe?'
(b) *John gave to his mother a kiss.
João deu a sua mãe um beijo
(c) John gave a kiss to his mother.
João deu um beijo a sua mãe
'O João deu um beijo à (sua) mãe.'
- (26) (a) Who did John give a kiss to?
Quem aux João dar um beijo a
'A quem é que o João deu um beijo?'
(b) *John gave to his mother a kiss.
João deu a sua mãe um beijo
(c) John gave a kiss to his mother.
'O João deu um beijo à (sua) mãe.'

¹⁴ Entre as propostas que argumentam a favor da projeção de estruturas sintáticas distintas, há algumas que propõem estruturas distintas mas simétricas (Harley 2002, Pesetzky 1995); outras propõem estruturas assimétricas (Anagnostopoulou 2003, MacDonald 2013), geralmente propondo para a CDO um nó Aplicativo, sobretudo baseados em diferenças de escopo de quantificadores e restrições sobre a anáfora.

Quer dizer, e citando Jiménez Fernández (2009: 186), “when the prepositional object is used in English the order of the object and the prepositional object is fixed (...). It is the discourse/phonological prominence that helps identify the words or cluster of words representing the focus of a specific construction.”

Por isso, a ordem V OI OD na construção preposicional só é mesmo possível em Inglês com foco contrastivo sobre o DP, quer com uma ênfase especial, como em (27), quer quando o OD é um constituinte pesado e focalizado, como em (28):

- (27) He gave to her [a REPORT], but not a letter or anything else.
(Mikami 2012)
Ele deu a ela um relatório mas não uma carta ou algo mais
‘Ele deu-lhe UM RELATÓRIO, mas não uma carta nem outra coisa’
- (28) (a) John wants to give to Mary [a gift of inestimable value].¹⁵
João quer prep dar a Maria um presente de inestimável valor
‘O João quer dar à Maria um presente de inestimável valor.’
(b) ? John wants to give [a gift of inestimable value] to Mary.
O João quer prep dar um presente de inestimável valor a Maria

Sumariando: em Inglês a estrutura informacional nas duas possibilidades da alternância dativa é, em princípio, bastante fixa: na CDO o foco é sobre o DP_{Tema} na construção preposicional o foco é sobre o PP_{Recipiente}. O carácter pesado dos constituintes e a existência de ênfase prosódica associada a um foco contrastivo podem, no entanto, intervir na ordem de palavras, justificando a ordem de palavras exibida em (27) e (28).

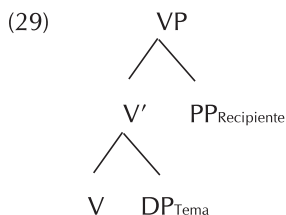
3. Construções ditransitivas em Português

Neste parágrafo analisarei alguns aspetos das construções ditransitivas em Português Europeu com um “core dative verb” como *dar*. Alguns destes

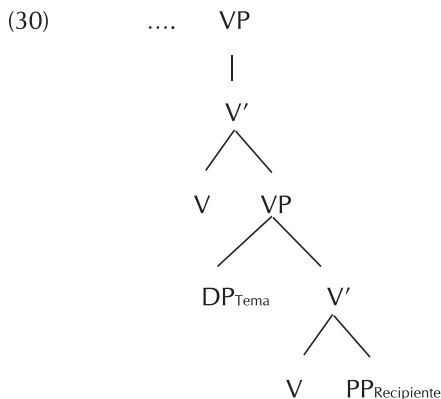
¹⁵ Quando surgir *to* antes de V no infinitivo, nas glosas marcarei com ‘prep’ para não confundir com o *to* das construções ditransitivas preposicionais.

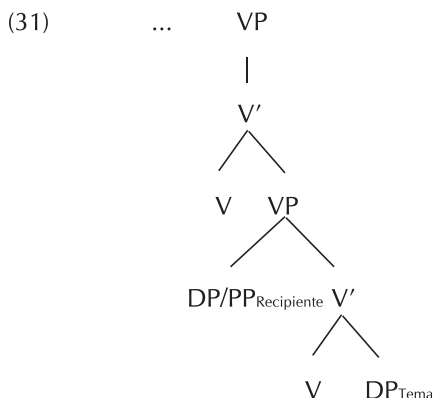
factos foram já objeto de intensa investigação (Xavier 1989, Gonçalves 1990, Costa 1998, 2009, Duarte 2003, Brito 2010, 2015, Gonçalves 2016, entre outros).

Xavier (1989), desenvolvendo Chomsky (1981), argumentou a favor de um constituinte verbal formado pelo V e pelo OD tema, numa estrutura como a descrita em (29):



Outras análises argumentaram a favor de duas estruturas basicamente geradas: simplificando muito, uma com uma ordem V OD_{Tema} OI_{Recipiente} e uma outra com a ordem V OI_{Recipiente} OD_{Tema} (cf. Costa 2009, Torres Morais & Salles 2010, Brito 2015), como se descreve em (30) e (31) (estruturas adaptadas de Costa 2009):





E houve propostas a favor de uma só estrutura básica, $V\ OI_{\text{Recipiente}}\ OD_{\text{Tema}}$ seguida de um movimento do DP OD relacionado com razões de acesso ao caso que explicariam a ordem final $V\ OD\ OI$ (Brito 2010, Gonçalves 2016).

As línguas românicas e o Português Europeu em particular não têm alternância dativa, pelo menos da do tipo do Inglês, pois exibem clíticos e uma preposição especial, a preposição *a*.¹⁶

Como em certas línguas não há preposições plenas a introduzir o OI e como há linguistas que contestam a existência de verdadeiros verbos ditransitivos, propondo, em alternativa, que o que há são verbos transitivos que aplicam ou acrescentam um novo argumento, há propostas (Marantz 1993; Pykkänen 2002, entre outros) que defendem a existência de um nó Aplicativo na CDO.

É nesta direção que a proposta de Torres Morais & Salles (2010) sobre o PE se situa. A ideia é a de que o OI pode ser encontrado em duas configurações: uma em que o OI (o dativo) é projetado na posição de especificador de um nó Aplicativo, numa posição alta, e uma outra, com uma verdadeira preposição, em que o OI, sob a forma de um verdadeiro PP, é projetado como complemento de uma projeção verbal baixa (as duas estruturas estão descritas, simplificada, em (30) e (31)). Esta proposta é baseada em

16 Anagnostopoulou (2003) propôs que as línguas com clíticos e com marcação clara de caso têm uma ordem de palavras mais livre, tendo duas construções, uma equivalente à CDO e uma construção preposicional. Demonte (1995), para o Espanhol, propôs que a construção com clítico apresenta restrições sobre ligação e escopo muito semelhantes à CDO. Pineda (2014) criticou a análise de Demonte, defendendo que o Espanhol só tem uma construção ditransitiva, a CDO, com nó aplicativo. Para o Português ver Costa (2009), Torres Morais & Salles (2010), Brito (2015), e discussão em Gonçalves (2016).

várias razões, das quais destacamos duas: (i) as duas construções, sobretudo com certos verbos como *enviar*, não são sinónimas; (ii) a preposição *a* tem dois valores: é, por um lado, marcador de dativo e, por outro lado, uma verdadeira preposição.

Baseado em fenómenos de ligação e escopo em construções ditransitivas, Costa (1998, 2009) já tinha argumentado a favor de duas estruturas básicas para o PE. A sua análise é, no entanto, diferente da de Torres Morais & Salles (2010); a ideia é a de que a sintaxe é flexível, na linha da abordagem de Philips (2003) de incrementalidade da sintaxe, em que um mesmo predicado pode projetar duas estruturas argumentais distintas.

Um dos argumentos de Costa (2009: 95-96) é o de que os pronomes possessivos de 3ª pessoa devem ser c-comandados pelo seu antecedente quando este é quantificado, independentemente do facto de o antecedente ser o OD ou o OI; ver os exemplos em (32) e (33):

- (32) (a) Entreguei [cada_i livro] [ao seu_i autor].
 (b) * Entreguei [o seu_i livro] [a cada_i autor].
- (33) (a) Entreguei [a cada_i autor] [o seu_i livro].
 (b) * Entreguei [ao seu_i autor] [cada_i livro].

Quanto à distribuição de anáforas nas construções ditransitivas, os exemplos seguintes, inspirados em Demonte (1995) para o Espanhol, seriam ilustrativos dessas duas possibilidades (Costa 2009, Brito 2010):

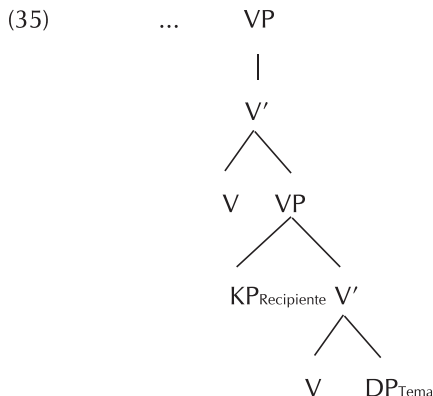
- (34) (a) ? O tratamento psicoanalítico devolveu [a estima de si mesma] à Maria.
 (b) O tratamento psicoanalítico devolveu à Maria [a estima de si mesma].

As duas variantes parecem ser possíveis, embora a frase com o reflexo baixo (34b) seja um pouco melhor do que a frase com o reflexo alto (34a).

Costa conclui, por isso, que há uma “focus-binding conspiracy”: a estrutura informacional indica que em PE a ordem não marcada é V OD OI, mas os fenómenos de ligação indicam que nesta língua há duas construções basicamente geradas em Português. E por isso argumenta em favor de um

modelo capaz de explicar como é que derivações convergentes podem articular-se com requisitos discursivos, pós-sintaticamente, distanciando-se de uma visão cartográfica do foco, na linha de Rizzi (2004) que deixaria a interação entre ligação e foco por explicar (cf. p. 104).

Gonçalves (2016: 140-1), para o PE, considera que (32b) e (33b) podem ser gramaticais numa leitura distributiva; e que os exemplos ficam aceitáveis com o adjetivo *respetivo*. Além disso, o PE admite que *seu / sua* tenha uma leitura de segunda pessoa (*seu = de você*), o que faz com que estes exemplos sejam problemáticos nesta variante. Por isso, um importante argumento a favor de duas estruturas basicamente geradas para o PE pode não ser adequado. Sendo assim, a autora desenvolve a ideia de que a estrutura dominante das construções ditransitivas em PE pode ser aquela em que o OI é projetado na posição de especificador de uma projeção verbal baixa. Mais tarde, Hagemeijer *et al.* (2019) adotam e desenvolvem esta análise, propondo a categoria KP (KasePhrase) para o OI, como na estrutura (35), proposta que adotarei neste trabalho:



Sendo *a* um marcador de caso, não parece problemático o constituinte *a DP* ser projetado como especificador de uma categoria verbal baixa; o caso dativo é um traço de caso interpretável e não ativa nenhuma operação de concordância (*agree*), por isso *a DP* não precisa de mover-se por razões de caso.

Em relação ao caso acusativo, o OD tema tem de verificar esse caso. Tem sido proposto que a atribuição / verificação de caso acusativo envolve

um movimento para especificador de uma categoria verbal intermédia (vP), gerando a ordem não marcada V OD OI. Neste artigo é esta a posição assumida, embora seja crucial admitir que o OI, quando focalizado contrastivamente, possa ser movido para distintas posições por *scrambling*,¹⁷ tal como acontece com outros argumentos internos OBL de verbos de três argumentos, como *pôr*, como vimos em (3) e (4).

Concluindo: seguindo Brito (2010) e Gonçalves (2016), propus que o PE tem uma estrutura dominante para os ditransitivos, em que o OI é projetado como especificador de uma projeção verbal baixa; o movimento do OD por motivos de caso produz a ordem não marcada V OD OI.¹⁸ De modo a explicar diferentes posições do OI na frase quando é focalizado contrastivamente, é importante admitir que opera um *scrambling*, de modo semelhante ao que acontece com outras classes de verbos.

4. DPs pesados e estrutura informacional

4.1. Algumas abordagens prévias

Tendo apresentado este enquadramento geral, voltamos agora à consideração de DPs pesados como OD em construções ditransitivas. O fenómeno começou por ser estudado em Inglês; veja-se o exemplo (36) com a ordem V IO DO:

- (36) John sent to his mother [the money you had wanted him to give to us] (McCawley 1988)
João enviou para sua mãe o dinheiro tu tinhas querido ele prep

¹⁷ *Scrambling* é um termo geral para o processo que deriva uma ordem não canónica em línguas com uma ordem de palavras livre ou relativamente livre. Há muita discussão acerca da natureza formal do *scrambling*, com linguistas que propõem que é um movimento A (explicado por Caso), outros propondo que é um movimento A barra (adjunção a XP, posição que aqui se adota). Ver: <https://ocw.mit.edu/courses/linguistics-and-philosophy/24-952-advanced-syntax-spring-2007/lecture-notes/scrambling.pdf>.

¹⁸ O PE tem também uma construção preposicional com *para* + DP[humano], com o significado de beneficiário final do ato de transferência, coexistindo com o OI (Brito 2009; Gonçalves & Raposo 2013). Este constituinte tem comportamentos mistos, como adjunto/modificador e como argumento. Veja-se: (i) O João enviou uma prenda à mãe para a Maria; (ii) ?? O que é que o João fez para a Maria? Enviou uma prenda à mãe; (iii) O João enviou uma prenda à mãe para a Maria e fez o mesmo para o Luís (fez o mesmo = enviou uma prenda à mãe). A pouca aceitabilidade de (ii) parece mostrar que *para a Maria* é um argumento; mas a aceitabilidade de (iii) parece indicar que *para a Maria* é um modificador.

dar para nós

‘O João enviou à mãe o dinheiro que tu querias que ele nos desse.’

Ross (1969) foi um dos primeiros linguistas a notar que o peso de um constituinte obriga a mudanças na ordem de palavras básica, sugerindo na altura uma operação de movimento à direita. Para Kayne (1994), no entanto, não há movimentos à direita e o autor sugere um movimento à esquerda como forma de explicar a ordem final nas frases com constituintes pesados.

Baseados em fenómenos do Italiano e do Francês, Belletti & Shlonsky (1995) assumiram que um constituinte pesado, contrariamente a um constituinte leve, ocupa uma posição básica de argumento interno: o fenómeno em causa é a cliticização do partitivo *ne* em Italiano. Os autores começam por mostrar que o Italiano tem tal cliticização a partir do argumento interno de verbos transitivos e inacusativos (mas não de inergativos) (cf. Belletti & Shlonsky 1995: 498-9):

- (37) (a) Ho letto molti libri.
tenho lido muitos livros
‘Li muitos livros.’
- (b) Ne ho letto molti.
Cl_{part} tenho lido muitos
‘Li muitos.’
- (c) Ne hano arrivati molti operari.
Cl_{part} têm chegado muitos operários
‘Chegaram muitos operários.’
- (d) Ne hano arrivati molti.
Cl_{part} têm chegado muitos
‘Chegaram muitos.’
- (e) Hanno lavorato molti operari.
têm trabalhado muitos operários
‘Trabalharam muitos operários.’
- (f) * Ne hano lavorato molti.
Cl_{part} têm trabalhado muitos

Quando aplicada a construções ditransitivas e com um DP tema leve, *ne* não pode ser usado (ver agramaticalidade de 38b):

- (38) (a) *Ne ho dato / dati uno / tre a Gianni.*
 Cl_{part} tenho dado / dados um / três a João.
 'Dei um / três ao João.'
- (b) * *Ne ho dato / dati a Gianni uno / tre.*
 Cl_{part} tenho dado / dados a João um / três

Contudo, se o OD for um constituinte pesado, a cliticização de *ne* é de novo possível, mostrando que as construções ditransitivas com um DP leve e com um DP pesado diferem na estrutura:

- (c) *Ne ho dato / dati a Gianni uno / tre che mi avevano considerato la settimana corsa.*
 Cl_{part} tenho dado / dados a João um / três que me tinham atribuído a semana passada
 'Dei ao João um / três que me tinham atribuído na semana passada.'

Outro argumento em favor desta diferença é o comportamento do advérbio *solo* em contexto de cliticização por *ne*. O OD focalizado comporta-se como um constituinte pesado, como em (36d):

- (d) *Ne ho dato a Gianni uno solo.*
 Cl_{part} tenho dado a João um só
 'Dei ao João um só.'

Também em Francês, se o OD é leve, a cliticização do *en* partitivo é impossível, como em (39a); mas se o OD for pesado, a cliticização de *en* é de novo possível (39b).

- (39) (a) **Ils en ont donné à Jean un.*
 Eles Cl_{part} têm dado a João um
- (b) *Ils en ont donné à Jean un qu'on avait conseillé à l'Université.*

Eles Cl_{part} têm dado a João um que alguém tinha aconselhado na Universidade.

‘Eles deram ao João um que alguém tinha aconselhado na Universidade.’

No artigo em causa, Belletti e Shlonsky usam estes fenómenos para argumentar a favor da ideia de que um OD pesado ou focalizado por *solo* em Italiano fica *in situ* e o PP sofre *scrambling* sobre tal OD. Se o OD for leve, o PP fica no lugar e é o DP que é deslocado.

Mais tarde, Belletti mudou estes formalismos e propôs que existe uma periferia à esquerda acima de vP que contém posições para foco e tópico (Belletti 2004).¹⁹

Aceitando este quadro teórico, Jiménez Fernández (2009), para o Espanhol, assume que na periferia esquerda do domínio verbal há lugar para categorias funcionais como TopP, FocP; de acordo com os diferentes estatutos informacionais, o OD e o OI mover-se-iam e ocupariam posições distintas.²⁰

Quanto aos constituintes pesados, o autor considera que são foco e que o constituinte leve é um tópico, como descrito no exemplo seguinte:

- (40) Angela *le* dio [a Juan]_{TOP} [el dinero que me envío el año pasado]_{FOC}.
Ângela *lhe* deu a João o dinheiro que me enviou o ano passado
‘Ângela deu ao João o dinheiro que me enviou o ano passado.’

Um dos argumentos a favor desta proposta é o comportamento de advérbios baixos, como *en secreto*, que o autor analisa como ocupando a posição de especificador de uma categoria funcional baixa. De facto, a melhor resposta a uma pergunta como (41a), em Espanhol, é (41b) (*loc. cit.*, p. 194):

19 Um dos argumentos de Belletti (2004) é a posição do sujeito em Italiano quando este é o foco informacional, tipicamente pós-verbal, como em (ib):(i) (a) Chi è partito / chi ha parlato? (b) E' partito / ha parlato Gianni.(c) #Gianni è partito / ha parlato. No entanto, se o sujeito adquirir uma interpretação contrastiva / corretiva, ocupa uma posição inicial, marcada com uma ênfase especial, como em (d):

(d) (*) GIANNI è partito / ha parlato.

Igualmente um OD pré-verbal é adequado face a uma pergunta com foco contrastivo sobre o objeto:

(e) Che cosa hai letto?

(f) (*) Il LIBRO ho letto (non il giornale).

A autora assume que estes dados revelam um paralelismo entre a periferia de VP, interna à oração, e a periferia de CP, externa à oração, propondo então posições de TopicP e FocP na periferia esquerda de vP.

20 Sandman (2009) para o PB assume o mesmo tipo de análise.

- (41) (a) ¿ A quién le dio Ángela el dinero?
A quem lhe deu Ângela o dinheiro?
'A quem deu a Ângela o dinheiro?'
- (b) Ángela le dio [el dinero] [a papá] en secreto.
Ângela lhe deu o dinheiro a papá em segredo
'Ângela deu o dinheiro ao papá em segredo.'

Se *en secreto* pertencer à pergunta e for um tópico, como em (42):

- (42) ¿A quien le dio Ángela el dinero en secreto?
A quem lhe deu Ângela o dinheiro em segredo?
'A quem deu a Ângela o dinheiro em segredo?'

a sua posição final seria marginal, como em (43), porque estaria a ocupar uma posição a seguir ao foco informacional da frase, o OI (Jiménez Fernández 2009: 194).

- (43) ??Ángela le dio [el dinero] [a papá] en secreto.
Ângela deu o dinheiro a papá em segredo.

Mas se tivermos um OD pesado, a situação é diferente e o advérbio poderia ocupar diferentes posições, sendo uma delas a indicada em (44), mostrando que o OD pesado se move para uma posição intermédia:

- (44) Ángela le devolió [a Juan] [el dinero que me envió el año pasado] en secreto.
Ângela lhe devolveu a João o dinheiro que me enviou no ano passado em segredo
'A Ângela devolveu ao João o dinheiro que me enviou no ano passado em segredo.'

Tudo isto justifica a proposta de Jiménez Fernández segundo a qual na chamada CDO em Espanhol (com o clítico expresso, como nos exemplos

acima)²¹ o OD e o OI se movem para uma periferia baixa do VP para valorar traços discursivos.

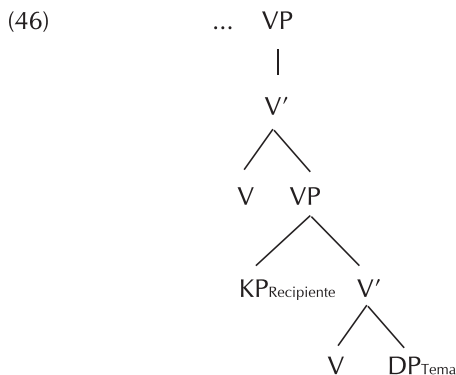
Em PE o comportamento dos advérbios baixos não é exatamente como em Espanhol, pois tendem a ocupar diferentes posições (como em 45), algumas delas marcadas com ênfase (Costa 1998, cap. 1):

- (45) (a) O João deu à Maria o dinheiro que herdou da avó em segredo.
(b) O João deu, em segredo, à Maria o dinheiro que herdou da avó.
(c) O João deu à Maria, em segredo, o dinheiro que herdou da avó.

Por isso, a posição ocupada pelos advérbios baixos não parece constituir um argumento forte para decidir quais as posições ocupadas pelo OD e pelo OI, mesmo quando o OD é um constituinte pesado.

4.2. Uma proposta sobre OD pesados: uma cópia baixa soletrada?

Como dissemos antes, vamos partir da hipótese de que as construções ditransitivas obedecem a uma estrutura como a descrita em (46):



Conforme a natureza lexical do verbo, o constituinte com a função de OD pode ser uma oração (seleccionado, por exemplo, pelo verbo *dizer*) ou

²¹ Ver Demonte (1995) e a nota 16 deste texto.

pode ser um DP. Se for uma oração, um CP, tal oração não precisa de caso e por isso não vai mover-se, gerando a ordem V OI OD_{CP}.

Mas se for um DP, tal constituinte precisa de verificar o caso acusativo e por isso move-se para uma posição de especificador de uma categoria verbal alta, acima do OI, gerando a ordem V OD OI. Tal movimento geraria uma ordem V OD OI, o que não corresponde aos dados quando o OD é pesado.

Sendo um DP pesado (constituído por DP e modificadores, uma coordenação de DPs ou um DP constituído por uma relativa livre) o que os dados anteriores nos mostram é que vamos encontrar tal DP na ordem V OI OD, mas o problema do acesso ao caso acusativo coloca-se de novo.²²

Seguirei então uma proposta de MacDonald (2013) e principalmente de Mikami (2012), baseados em Boskovic & Nunes (2007), no sentido em que pode haver soletração de cópia baixa numa operação de movimento.²³

Mikami (2012) desenvolve uma análise detalhada dos constituintes DP pesados: uma cópia baixa pode ser pronunciada em Inglês se uma interpretação marcada for necessária para as interfaces LF e PF; quer dizer, uma cópia baixa é soletrada em PF se for um constituinte XP focalizado.²⁴

É esta a proposta que adotarei: numa construção ditransitiva, como noutras, o DP OD move-se para especificador de uma categoria verbal vP em ordem a verificar o seu caso acusativo e a sua cópia baixa é não soletrada, como é normalmente proposto na visão de movimento por cópia. Contudo, se o constituinte em causa for pesado e focalizado, é a sua cópia baixa que é soletrada. A soletração de um constituinte é, portanto, dependente do seu

22 Em Brito (2015) era sugerida uma atribuição de caso (acusativo) à distância, mas não era fornecida nenhuma explicação para o facto de nuns casos ela atuar e noutros casos não.

23 Ao analisar algumas expressões idiomáticas em Inglês em que não há alternância dativa, no sentido em que só a CDO é gramatical, como em (i) The lightning here gives me a headache; (ii) * The lightning here gives a headache to me, MacDonald nota que, se o OI for pesado, como em (iii), um exemplo extraído de Bresnan & Nikitina (2008: 4), o OI preposicional fica *in situ* e aparentemente não se move.

(iii) a stench or smell is diffused over the ship that would give a headache to the most athletic constitution.

O autor propõe então que (i) representa uma "pseudo-non-alternating DOC"; a ideia é a de que a construção preposicional tem a seguinte estrutura:

(iv) (a) [_{vP} v [_{A_{pp}IP} IO Appl [_{vP} DO V [_{PP} P+Θ]]]]

(b) [_{vP} v [_{A_{pp}IP} Θ Appl [_{vP} DO V [_{PP} P IO]]]]

O OI é projetado como complemento de uma P e move-se para especificador de um Sintagma Aplicativo (iva); mas se esse PP for pesado é a cópia baixa que é pronunciada, como em (ivb) (pp. 2-4).

24 O autor argumenta a favor do mesmo tipo de análise para a chamada "Locative Inversion" do Inglês: (i) In the corner was a lamp; (ii) Into the room walked John. O constituinte sujeito DP sofre movimento para o especificador de TP para satisfazer o requisito de EPP em T; mas é a cópia baixa que é soletrada na sua posição básica, em PF, por ser um XP Foco.

peso fonológico e sintático (como sugerido por Boskovic & Nunes 2007).

Antes de terminar, um problema pode ainda ser discutido.

Cardoso (2010), desenvolvendo Costa (1998), assume que há duas construções ditransitivas básicas em Português; quando o OD é uma expressão nominal que contém uma oração relativa, tal DP é gerado numa posição baixa, como acontece em (47), e de acordo com a hipótese desenvolvida no presente trabalho:

(47) Dei à Maria um livro que foi escrito por mim.

Acontece que pode ocorrer uma “extraposição” de relativa, gerando o exemplo (48), em que o antecedente da relativa e a própria relativa surgem separados:

(48) Dei um livro à Maria que foi escrito por mim.

Cardoso propõe então que em (48) o constituinte *um livro* sofre um movimento por *scrambling* curto, deslocando-se ou por adjunção ao vP ou por adjunção ao VP. Quer dizer, não haveria extraposição da relativa, mas em alternativa um movimento do chamado “antecedente”, deixando a relativa *in situ* e resultando numa estratégia de focalização.

Concordo com Cardoso em que não há extraposição da relativa e que, em muitos dos enunciados que propõe, são razões discursivas a justificar a separação entre antecedente e relativa, como em exemplos da autora, retomados por Martins & Costa (2016: 393):

(49) Poucas crianças conheço que não gostam de chocolate.

(50) Uma estranha doença lhe diagnosticaram que lhe retirou toda a alegria.

No entanto, em exemplos como (48) não parece haver razões discursivas a justificar a distância entre antecedente e relativa. Por isso, em (48) talvez possamos manter que, em vez de ser todo o DP OD que sobe para verificar o caso acusativo, apenas sobe a parte nominal e a oração relativa é deixada *in situ*, sendo soletrada e focalizada nessa posição.

Sumariando: um constituinte OD DP pesado é projetado na posição (normal) de complemento de uma projeção verbal baixa; em ordem a verificar o caso acusativo, o DP sobe para especificador de vP, mas, sendo tal constituinte pesado e focalizado, é a cópia baixa que é soletrada.

Repare-se que a proposta acima apresentada se enquadra numa dada relação entre sintaxe e estrutura informacional. Tem havido na literatura diferentes propostas sobre esta relação. Um tipo de abordagem codifica o foco e outras noções discursivas como primitivos sintáticos, instanciados como traços, como em Horvath (1986), ou como categorias funcionais, como em Rizzi (2004) ou em Belletti (2004), como mostrado anteriormente. Pelo contrário, Costa (1998, 2009) considera que uma noção como foco e outras noções discursivas não são codificadas na sintaxe como categorias funcionais. A componente sintática é “cega” relativamente a esse tipo de informação discursiva e o seu papel é gerar estruturas que possam ser filtradas na interface com a componente fonológica (cf. também Reinhart 1995, Costa & Kula 2008, Costa & Figueiredo Silva 2006).

Através da análise proposta neste texto, pensamos ter mostrado que a noção de foco justifica uma importante interface sintaxe-fonologia, não devendo o foco ser encarado nem como um traço nem como uma categoria funcional sintática.²⁵

5. Conclusões

Em Português Europeu, a ordem não marcada dos argumentos internos de verbos de três argumentos, os que selecionam um OBL e os que selecionam um objeto OI, é V OD OBL e V OD OI, respetivamente. Por *scrambling*

25 Esta conceção é proposta por João Costa em vários dos seus trabalhos. Um dos fenómenos que leva Costa (1998, 2009), Costa & Figueiredo Silva (2006) a rejeitar uma ideia de configuracionalidade na relação sintaxe / discurso é a inversão de sujeito em Português. Costa (1998) assume que a ideia de movimento para um foco à esquerda é inadequada para o PE, justificando-se um foco informacional *in situ*, responsável, com verbos inergativos, pelo padrão VS, como em (ib) e, com os verbos transitivos, pelo padrão VOS, como em (iib) e VSO, como em (iiib):

- | | | |
|-------|------------------------|--|
| (i) | (a) Quem trabalhou? | (b) Trabalhou o João _{SU} . |
| (ii) | (a) Quem comeu a sopa? | (b) Comeu a sopa _{OD} o Paulo _{SU} . |
| (iii) | (a) Ninguém viu nada. | (b) Viu o Paulo _{SU} a Maria _{OD} . |

O PB tem também a possibilidade de ter o sujeito focalizado em primeira posição (Costa & Kula 2008, p. 7), como ilustrado em (ivc) para responder a (iv): (iv) (a) Quem comeu o bolo? (b) Comeu o João; (c) O JOÃO comeu. Os autores consideram ainda que tal está certamente relacionado com o facto de o PB se está a tornar uma língua de sujeito nulo parcial com uma perda geral de “inversão de sujeito” (Costa & Kula 2008). Por todas estas razões, os autores consideram que os fenómenos entoacionais associados à ordem de palavras e às posições de sujeito, em particular, mostram que o foco é uma categoria fonológica que é livremente atribuída, desenvolvendo Frota (2000).

não só um OBL como um OI pode ocupar diferentes posições na frase, mostrando que a estrutura informacional contribui para a reordenação dos constituintes, criando ordens marcadas do ponto de vista discursivo.

O Inglês tem alternância dativa, exibindo uma CDO e uma construção preposicional. Nesta língua, a estrutura informacional nas duas possibilidades da alternância dativa é, em princípio, bastante fixa: na CDO o foco é sobre o DP_{Tema}, na construção preposicional o foco é sobre o PP_{Recipiente}. No entanto, o caráter pesado dos constituintes e a existência de ênfase prosódica associada a um foco contrastivo podem intervir na ordem de palavras.

As línguas românicas e o Português, em particular, não têm alternância dativa pelo menos do tipo do Inglês (embora haja autores que propõem uma tal visão), pois o OI é ou expresso por pronomes ou expresso por uma preposição especial, *a*. Embora a sintaxe das construções ditransitivas tenha sido apenas brevemente discutida neste trabalho, foi proposto, desenvolvendo Brito (2010) e Gonçalves (2016), que o OI é projetado como especificador de uma categoria verbal baixa. Com o movimento do DP para especificador da categoria vP para verificação de caso acusativo, é gerada a ordem não marcada V OD OI.

Contudo, um OD pesado ocupa a posição final; mesmo quando os dois constituintes são pesados, uma certa tendência de posição final do OD mantém-se, como uma procura num *corpus* escrito permitiu confirmar.

Fizemos a proposta de que um constituinte pesado e focalizado, neste caso um OD pesado, quando é categorialmente um DP, se move da mesma forma para obter caso acusativo, mas o que é soletrado é a sua cópia baixa.

Vimos também que, quanto maior o peso do OD, maior a tendência para que este constituinte ocorra no final da frase. E quanto mais longo o OD, mais provável é que introduza informação não pressuposta e seja, assim, foco.

Uma tal proposta sugere uma análise *in situ* para o foco informacional e relaciona-se com uma explicação baseada na interface sintaxe-fonologia, não categorias ou traços especialmente dedicados à estrutura informacional.

REFERÊNCIAS

- Anagnostopoulou, A. (2003). *The syntax of Ditransitives. Evidence from Clitics*. Mouton de Gruyter.
- Barss, A., & Lasnik, H. (1986). A note in anaphora and double objects. *Linguistic Inquiry*, 17(2), 347-354.
- Belletti, A. (2004). Aspects of the low IP area. In L. Rizzi (Ed.), *The structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures* (Vol. 2, pp. 16-51). Oxford University Press.
- Belletti, A., & Shlonsky, U. (1995). The order of verbal complements: A comparative study. *Natural Language and Linguistic Theory*, 13(3), 489–526.
- Boskovic, Z., & Nunes, J. (2007). The Copy Theory of Movement: A view from PF. <https://pdfs.semanticscholar.org/8aa1/47fa64e882c211ed18e088d9117fd92cced2.pdf>
- Bresnan, J., & Nikitina, T. (2008). The Gradience of the Dative Alternation. In L. Uyechi, & L-H Wee (Eds.), *Reality Exploration and Discovery: Pattern Interaction in Language and Life*. CSLI Publications. <https://web.stanford.edu/~bresnan/bresnan-nikitina.proof.pdf>
- Brito, A. M. (2010). Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? *ENCUENTROGG V Encuentro de Gramática Generativa* (2009), 81-114.
- Brito, A. M. (2015). Two base generated structures for ditransitives in European Portuguese. *Oslo Studies in Language*, 7(1), 337–357.
- Cardoso, A. (2010). *Variation and change in the Syntax of Relative Clauses* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris Publications.
- Cinque, G. (1993). A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, 24(2), 239-297.
- Costa, J. (1998). *Word order variation. A constraint-based approach*. Holland Academic Graphics.
- Costa, J. (2009). A focus-binding conspiracy. Left-to-right merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. In J. van Craenenbroeck (Ed.), *Alternatives to Cartography* (pp. 87-108). Walter de Gruyter.
- Costa, J., & Figueiredo Silva, M. C. (2006). On the (in)dependence relation between syntax and pragmatics. In V. Molnar, & S. Winkler (Eds.), *The architecture of focus* (pp. 83-104). Mouton de Gruyter.
- Costa, J., & Kula, N. C. (2008). Focus at the interface: evidence from Romance and Bantu. In C. de Cat, & K. Demuth (Eds.), *The Bantu–Romance Connection: A comparative investigation of verbal agreement, DPs, and information structure* (pp. 203-322). John

Benjamins.

- Demonte, V. (1995). Dative alternation in Spanish. *Probus*, 7, 5-30.
- Duarte, I. (2003). Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª ed., pp. 275-321). Caminho.
- Frota, S. (2000). *Prosody and focus in European Portuguese*. Garland Publishing.
- Gonçalves, A., & Raposo, E. P. (2013). Verbo e sintagma verbal. In E. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 2, pp. 1155-1218). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, P. (1990). *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, R. (2016). *Construções ditransitivas no Português de São Tomé* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Jiménez Fernández, A. (2009). The low periphery of double object constructions in English and Spanish. *Philologia Hispalensis*, 23, 179-200.
- Hagemeyer, T., Gonçalves, R., Miguel, A., & Duarte, I. (2019). Possession and location in urban Angolan Portuguese. *ACBLPE & SPCL*, June, 17-19.
- Haspelmath, M. (2015). Ditransitive constructions. *Annual Review of Linguistics*, 1(1), 19-41.
- Harley, H. (2002). Possession and the double object construction. *Yearbook of Linguistic Variation*, 2(1), 29-68.
- Harley, H., & Miyagawa, S. (2016). Ditransitives. In *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. <http://heidiharley.com/pubs/ditransitives/>
- Horvath, J. (1986). *Focus in the theory of Grammar and the Syntax of Hungarian*. Foris.
- Kayne, R. S. (1994). *The Antisymmetry of Syntax* (Vol. 25). MIT Press.
- Larson, R. (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19(3), 335-391.
- Larson, R. (2014). *On Shell Structure*. Routledge.
- McCawley, J. D. (1988). *The Syntactic Phenomena of English* (Vol. 2). University of Chicago Press.
- MacDonald, J. (2013). A movement analysis of some Double Object Constructions. *Linguistics*. <http://publish.illinois.edu/jonmacd/files/2013/01/A-movement-analysis-of-some-double-object-constructions-MacDonald.pdf>
- Marantz, A. (1993). Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In S. A. Mchombo (Ed.), *Theoretical aspects of Bantu Grammar* (Vol. 1, pp. 113-150). CSLI Publications.

- Martins, A. M. (2012, maio 22). *Contrastive focus fronting in European Portuguese* [Apresentação de Conferência]. Freie Universität Berlin, Alemanha.
- Martins, A. M., & Costa, J. (2016). Ordem dos constituintes frásicos: sujeitos invertidos; objetos antepostos. In A. M. Martins, & E. Carrilho, *Manual de Linguística Portuguesa*, (pp. 371-400). Walter de Gruyter.
- Mikami, S. (2012). Heavy NP shift in English and A-movement in subject-prominent languages. *English Linguistics*, 29(2), 259–284. https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsj/29/2/29_259/_article
- Oehrle, R. (1976). *The grammatical status of the English Dative Alternation* [Tese de Doutorado]. MIT.
- Ormazabal, J., & Romero, J. (2010). The derivation of Dative Alternation. In M. Duguine, S. Huidobro, & N. Madariaga (Eds.), *Argument Structure and Syntactic Relations* (pp. 203-232). John Benjamins.
- Pesetsky, D. (1995). *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. The MIT Press.
- Phillips, C. (2003). Linear order and constituency. *Linguistic Inquiry*, 34(1), 37-90.
- Pineda, A. (2014). *Les fronteres de la (in)transitivitat. Estudi dels aplicatius en llengües romàniques i basc* [Tese de Doutorado]. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Primus, B. (1998). The relative order of recipient and patient in the languages of Europe. In A. Sierwierska (Ed.), *Constituent Order in the Languages of Europe* (pp. 440-473). Mouton de Gruyter.
- Pylkkänen, L. (2002). *Introducing Arguments* [Tese de Doutorado]. MIT.
- Rapaport-Hovav, M., & Levin, B. (2008). The English dative alternation: the case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics*, 44(1), 129–167.
- Reinhart, T. (1995). Interface strategies. *OTS Working Papers in Linguistics*. University of Utrecht.
- Rizzi, L. (2004). Locality and left periphery. In A. Belletti (Ed.), *The Structures and Beyond - The Cartography of Syntactic Structures* (Vol. 3, pp. 223-251). OUP.
- Ross, J. (1967). *Constraints on Variables in Syntax* [Tese de Doutorado]. MIT.
- Samek-Lodovici, V. (2015). *The Interaction of Focus, Givenness, and Prosody. A Study of Italian Clause Structure*. Oxford University Press. <http://www.oxfordscholarship.com/view/10.1093/acprof:oso/9780198737926.001.0001/acprof-9780198737926>
- Sandmann, L. C. (2009). *O foco informacional e a ordem dos complementos verbais* [Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras]. Universidade Federal do Paraná.
- Torres Morais, M. A., & Salles, H. M. (2010). Parametric change in the grammatical

encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*, 22(2), 181–209.

Xavier, M. F. (1989). *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from* [Tese de Doutoramento]. Universidade Nova de Lisboa.